

**Memória Viva: algumas percepções dos funcionários aposentados da
Companhia de Saneamento do Paraná – SANEPAR em Londrina**

ANDREA CRISTINA FONTES SILVA ¹

JUNIO FERREIRA LIMA²

A memória é uma janela para o passado ou, em termos técnicos, a percepção interna. Marilena Chauí denomina a memória de “introspecção” e afirma “[são] as coisas passadas lembradas, o próprio passado do sujeito e o passado relatado ou registrado por outros em narrativas orais e escritas” (CHAUÍ, 2004, p.138).

É nos meandros da memória - esta janela para a introspecção, seja individual ou coletiva – que em parte se engendra a identidade de um grupo.

A partir da perspectiva acima surgiu a proposta de trabalho denominada "Memória viva", a partir da constatação de que os aposentados da Sanepar viveram muitas experiências, fatos curiosos, acontecimentos pessoais e profissionais, sem que registros sistemáticos dessas vivências, uma iniciativa do Museu do Saneamento e da Unidade de Servido de Educação Ambiental da Sanepar.

¹Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL; Companhia de Saneamento do Paraná – Sanepar; Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina - UEL.

² Companhia de Saneamento do Paraná – Sanepar; Especialista em Gestão Ambiental pela Universidad Nacional Del Centro Del Peru, U.DEL CENTRO, Peru.



Fonte: Sanepar, 2014.

O Museu do Saneamento, com sede em Curitiba, PR, é mantido pela SANEPAR (Companhia de Saneamento do Paraná). Ocupa parte do Espaço Tarumã, uma estação de tratamento de água desativada. O museu tem sua origem em 1988 pela resolução 042/1988 que criou a Comissão do Museu do Saneamento, com a finalidade de elaborar estudos para a sua implantação e fazer a prospecção do acervo existente nas áreas de abrangência da Companhia em todo o Estado. A resolução 035/1989 instituiu o Programa de Preservação do Patrimônio Histórico do Saneamento.

Visando a valorização da história do saneamento e a memória dos empregados da SANEPAR, congrega acervo tridimensional, audiovisual, sonoro, cartográfico, textual e iconográfico. O acervo tratado está disponível para consulta e pesquisa para qualquer interessado:

- Acervo Fotográfico: 3.800 itens
- Acervo Documental: 2.200 itens
- Acervo de Mapas e Plantas: 230 itens
- Acervo Multimídia: 560 itens
- Acervo Mobiliário: 120 itens catalogados
- Acervo de Objetos e Equipamentos Técnicos: 1.800 itens.

Além de buscar o tombamento de espaços considerados relevantes para a “História do Saneamento”, o Museu possui exposições itinerantes e está criando espaços

denominados “Salas de Memórias” em outras localidades do Estado; a primeira foi instalada em Maringá-Pr. Outra iniciativa do Museu foi o desenvolvimento de projetos como:

a)Um Clic na memória: Através desse projeto, são veiculadas imagens do acervo na Intranet da Empresa semanalmente com o objetivo de favorecer o reconhecimento das imagens bem como criar subterfúgios de aproximação dos funcionários com o acervo do Museu

b)Conhecendo a Sanepar: Projeto para funcionários visitarem a empresa, com uma abordagem que valoriza o Patrimônio Histórico

c)Café com Memória e Memória Viva: Conforme Machado, os meios mudaram, mas o ato de contar continua vivo” (1994, p.21). (MACHADO, 1994, p.28). Por meio dos projetos “Café com Memória” e “Memória Viva”, criaremos instâncias para que ecoem as “diversas vozes” das memórias da empresa, contribuindo para solidificar a memória do saneamento na Sanepar.

E POR FALAR EM MEMÓRIA...

A partir do século XIX, houve um forte movimento emancipatório de Estados Nacionais pela independência de suas antigas colônias. Para a efetivação de tais propostas, foram forjados elementos caracterizadores de uma identidade coletiva (a exemplo de símbolos nacionais, bandeiras, hinos, edificações, entre outros) e criados locais próprios para a preservação da memória: bibliotecas, museus, arquivos, etc. Como exemplo, pode-se citar a Alemanha que, embora com um Estado territorialmente fragmentado, por meio da noção de kultur, subsidiou a unificação da “Nação”.

De agora em diante, não é impossível solicitar à memória individual salvaguardar o conhecimento produzido pelo homem, graças à relevância que a memória coletiva adquire e aos novos “locais da memória”. Nesse âmbito, uma gama de pesquisadores se verte sobre o passado, tanto elegendo o que deve ser “guardado” na memória como relativizando a noção da linearidade histórica pela pluralidade oferecida.

Entretanto, é preciso estar ciente de que a relação entre história e memória, embora pretenda contribuir para a preservação dessa última, confere um paradoxo: o pretense rigor disciplinar da história, em sua especificidade, desconstrói, tira a áurea “mágica” e espontânea pré-existente da memória. (GUARINELO, 1994, p.181).

A história é filha de seu tempo e o conhecimento produzido é sempre carregado de significados e atos políticos de um determinado momento histórico.

Assim sendo, para o pesquisador é fundamental estar consciente de que suas escolhas não são aleatórias:

No caso da memória, sua face de elaboração significa, também, uma exposição de virtudes em disputa, que constituem ou silenciam determinados temas com os quais o conhecimento histórico se relaciona muito intimamente (SILVA, 1995, p.69).

Desta forma, trabalhar-se-á com a noção de memória, seja ela individual ou coletiva, antes de tudo como “resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem ‘na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui” (LE GOFF, 2003, p. 421).

Ou seja, na releitura do passado, é lançado ao fantasioso tudo o que não se explica facilmente pela “razão”. Se, por um lado, existe a heterogeneidade humana; por outro, a memória homogeneíza; outros padrões de regularidades são criados para explicar o “inexplicável”.

Através da introspecção para “reviver” o que passou, por um lado, busca resistir às mudanças, ao “tempo que muda. Por outro lado, é transitória, passível de esquecimentos, ou seja, iminentemente social, humana!

Este debate em relação à memória não pode ser desvinculado das questões políticas, pois a história, muitas vezes, preserva o que é eleito por órgãos vinculados à política, que selecionam sem se preocupar em consultar a população.

Esta perspectiva leva a:

(...) um processo de exclusão material e simbólico que privilegia apenas um tipo de patrimônio, favorecendo uma seleção de memórias e identidades, impossibilitando que classes populares se identifiquem materialmente, negando-se a possibilidade de construção ou confirmação de identidade (SILVIA apud MAGALHÃES, 2005, p.7).

Com os projetos hora apresentados, busca-se justamente estimular outras tantas vozes, sem a ingenuidade, portanto de crer que tais vozes ecoaram e ecoarão despreziosamente.

CAFÉ COM MEMÓRIA

O “Café com Memória” prevê encontros entre aposentados para forjar o interesse em dialogar sobre um passado comum e proporcionar a aproximação necessária para realizar entrevistas individuais, semi estruturadas para o devido registro das memórias individuais.

XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES. VELHOS E NOVOS DESAFIOS 27 A 31 DE JULHO DE 2015 FLORIANÓPOLIS - SC

Além disso, pretende contribuir para a construção de uma memória individual e coletiva dos profissionais aposentados do saneamento e, com isso, valorizar os indivíduos que contribuíram para a construção da história da empresa.

A primeira edição do Projeto ocorreu no último dia 06 de maio de 2015, na cidade de Londrina-Pr. Após a abertura com um gerente local, há espaço para breve apresentação dos aposentados, com um direcionamento para nome, idade, desde quando e por quanto tempo prestou serviço na empresa.



Abertura do Primeiro Café com Memória de Londrina. Fonte: Autor, 2015

Em seguida, há a disponibilização de álbuns com fotografias para reconhecimento, visando estimular as lembranças dos funcionários aposentados.



Aposentados na primeira edição do “Café com Memória”. Fonte: Autora, 2015.

Em busca de uma atmosfera de aproximação e descontração, na sequência, há a disponibilização de um café da tarde. Após o intervalo para o café, os aposentados são



convidados a expor alguma lembrança que julguem significativas da época e que trabalhavam na Sanepar. Na oportunidade, convida-se aposentados que se interessem por participar do “Memória Viva”, além de solicitar aos aposentados que tiverem fotografias, emprestar para as mesmas serem escaneadas.



Participantes da segunda edição do “Café com Memória”. Fonte: Autora, 2015.

As falas das edições do “Café com Memória” realizadas até então, faz remissão às palavras de Chartier:

(...) a mentalidade de um indivíduo (...) é justamente o que ele tem de comum com outros homens do seu tempo (...) o nível da história das mentalidades é o do cotidiano e do automático, é aquilo que escapa aos sujeitos individuais da história porque revelador do conteúdo impessoal do seu pensamento (CHARTIER, 1990, p.41).

Falas que se entrecruzam e, por mais que a memória seja individual, as narrativas são enredadas pelo reconhecimento de “um no outro”. Nas palavras de Le Goff, a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (1990, p.476).

Nota-se claramente quão o ser humano não está absolutamente livre em suas escolhas, mas permeados pelas relações sociais estabelecidas, em grande medida, influenciadas pela história e recursos da memória culturalmente formulados.

MEMÓRIA VIVA

As instituições, ao trabalharem pela preservação da memória criam “seu lugar de memória”. A memória organizacional pode ser entendida como :

“conjunto de processos e ferramentas para organizar, preservar e tornar acessível o acervo de conhecimento da empresa, isto é, informações sobre seus processos, pessoal, experiências e etc.”
(TEIXEIRA FILHO, 2001, Pg. 97)

O projeto “Memória Viva” prevê coleta de depoimentos com aposentados que participaram do “Café com Memória”. Tais entrevistas são agendadas em local de escolha do entrevistado, são filmadas, fotografadas e o material disponibilizado para consulta no “Museu do Saneamento” .

Das primeiras entrevistas realizadas, é interessante notar como os ex-funcionários se colocam como verdadeiros protagonistas do passado, os grandes detentores do saber-fazer na resolução dos problemas e desafios da Organização. As lembranças mais enaltecidas versam justamente sobre as oportunidades de ascensão na carreira e os momentos em que protagonizaram momentos de resolução de problemas .

O funcionário aposentado como “Agente de Manutenção de Redes”, Phelipine Neto, por exemplo discorreu longamente sobre a ascensão na carreira logo nos primeiros anos de trabalho. Ele entrou como faxineiro, se desenvolveu e, em um ano e meio, foi promovido a encanador pelas habilidades demonstradas.

Alvino também se coloca como grande protagonista e fala com emoção do “dia em que promoveu ajustes na dosagem de produtos químicos para tratar a água barrenta” que chegava do Cafezal, em meados da década de 1980. Alvino também fez questão de falar, tendo em mãos certificados de cursos que frequentou na década de 1970. Ele ingressou no Antigo Sistema Autárquico de Saneamento como faxineiro, passou pelo laboratório e fechou a carreira como operador de ETA, em abril de 1996.

Todos os relatos tiveram em comum o saudosismo, carregado pela memória afetiva sobre o que viveram na empresa.

Em entrevista coletada em 18/06/2015, Vilson, mais conhecido como ‘Seo’ Caçula, ingressou na Sanepar em 1979, instalando bombas em poços de localidades da região Norte. Muitas vezes a sua equipe era a responsável por levar água aonde não existia abastecimento público. “A alegria das pessoas com a chegada da água gerava grande satisfação para mim e para meus companheiros”, afirma.

Embora a coleta de depoimentos não seja direcionada, chama a atenção o fato de que, até o momento, não surgiu nenhum depoimento de crítica à empresa, embates trabalhistas, etc.

Porém vale ressaltar:

“Empresas e instituições que contratam projetos de memória já não conseguem se esquivar de, em primeiro lugar, lidar com as lembranças afetivas e seus acertos bem como com os erros e os pontos mais obscuros da trajetória. Em segundo, entender que esses não são isolados e por isso pesa a responsabilidade e o compromisso de permitir que sejam narrados.”

Este trata-se de um trabalho que está em seus primórdios. Pretendeu-se aqui o compartilhamento de uma experiência que está em construção. Para um futuro próximo, há previsão de produção de um livro de memórias sobre o saneamento, além da disponibilização das entrevistas de pesquisadores interessados no Museu do Saneamento.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, Boronislav. Imaginação Social. In: Enciclopédia Einaudi. Anthropos – Homem. Lisboa: Casa da Moeda – Imprensa Nacional, 1985, v.5.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. 13 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- GUARINELO, Luiz Norberto. Memória coletiva científica. In Revista Brasileira de História. v. 14, n 28, 1994.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5 ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- MACHADO, Irene A. Literatura e redação. São Paulo: Scipione, 1994.
- MAGALHÃES, Leandro H. Turismo: uma atividade capitalista. Revista Terra e Cultura, v.22, nº 43, p. 36-67, jan./jul., 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. In: Revista Brasileira de História: Representações. São Paulo: ANPUH/Contexto, vol.15, nº 29, 1995.
- SILVA, Marcos A. História: o prazer em ensino e pesquisa. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- TEIXEIRA FILHO, Jayme. Gerenciando Conhecimento. 2 ed. Rio de Janeiro: SENAC. 2001.
- ZANDONADI, Viviane. Profissões do futuro: historiadores corporativos. Estadão. São Paulo. 22 de julho de 2015. Educação. Disponível em:
<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,profissoes-do-futuro-historiadores-corporativos,1730012>. Último acesso: 24/07/2015.